

TINTAS PARA ESCREVER

JOÃO EURIPEDES FRANKLIN LEAL

Professor Livre Docente de Paleografia
Coordenador do Núcleo de Paleografia
e Diplomática da Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Tanto para a Paleografia quanto para a Diplomática, o estudo da arte de escrever tem um profundo significado seja para melhor entendimento da escrita, como para melhor identificar sua autenticidade.

Na triarquia composta de suporte da escrita, instrumentos para escrever e tintas já há bastantes estudos relativos às duas primeiras partes. Entretanto, a questão tinta, devido a vários fatores do passado faz com que o seu conhecimento seja o menos tratado e debatido. A questão principal passa pela composição e pela preparação das tintas.

Basicamente as tintas usadas no passado podem ser divididas em tintas a base de carbono e tintas ferro-gálicas.

Suas cores básicas eram a preta e a vermelha apesar de logicamente existirem em outras colorações.

O trabalho em questão trata da tinta e sua composição desde a Antiguidade até o aparecimento das tintas industrializadas e produzidas em série industrial no início do século XX.

Interessante é observar que foram identificadas cerca de dez receitas de tintas portuguesas, usadas na idade média e moderna, inclusive na colônia do Brasil. Apresentam-se ainda receitas de tintas francesas do século XVIII, em uma época que a França era o centro do mundo culto e cerca de quarenta receitas coletadas, e de uso corrente, aqui no Brasil desde o século XVIII até o início do século XX.

O resultado é uma análise da composição e dos procedimentos para sua feitura, de forma pioneira no universo luso-brasileiro da arte de escrever.